

METAMORFOSES,
SEGUIDAS DE
QUATRO SONETOS A AFRODITE ANADIÓMENA
(1963)

CABECINHA ROMANA DE MILREU

Isabel Pires de Lima*

Tudo é dualidade reversível nesta “metamorfose” de Jorge de Sena, neste vaivém entre temporalidades que a palavra poética tem o poder de aproximar e subverter, resgatando o passado no presente, um e outro diluídos na atemporalidade universal do humano. A palavra em diálogo efrástico com a ruína, que a tradição romântica tanto convocara como possibilitadora da atmosfera elegíaca e meditativa, procede a um movimento de resgate metamorfoseador neste poema, como noutros do livro de onde provém, o qual exatamente se chama *Metamorfoses*.

Datada de “Araraquara, 12/1/1963”, a “metamorfose” a que Sena procede desta cabecinha romana da época flaviana, que ele vira no ano de 1959 quando visitou, com Erico Veríssimo e o poeta algarvio Emiliano Costa, as ruínas de Milreu, em Estói (Algarve), não implica uma fidelidade descritiva ou qualquer correlativo de representação redentora desse delicado objeto arqueológico, hoje à guarda do Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa. Isso não invalida, porém, que Sena não proceda à sua incorporação, através da metamorfose interpretativa da palavra poética, naquilo a que James W. Heffernan designou por *Museum of Words*, libertando o remanescente da bela escultura romana para a reflexão metafísica.

Esta cabecinha é “evanescente e aguda”, “doce no seu ar decapitado”, habitada pela “doçura” e pela “frieza”, por uma “certa loucura” e pela “razão tranquila”, não é nem “deusa”, nem “mulher”. A dialética que em tais dualidades se joga ultrapassa-se na humana consciência de que somos a nossa circunstância e as suas contradições, que indelevelmente nos marcam, e somos o resíduo do inevitável apagamento a que o tempo procede. Por isso no vazio dos seus olhos não se vislumbra o “portentoso império”, povos e legiões que se cruzaram e se combateram, não se reconhece tudo o que a

passagem do tempo aniquilou: “colunas, homens, / prados e rios, sombras e colheitas, / e teatros e vindimas”, o escravo que a terá penetrado, o esposo que a terá fecundado. Porém, ao mesmo tempo, ela está ali para ser apropriada pela palavra poética enquanto experiência da totalidade do espírito humano: viveu e morreu como deusa que não era.

O exercício ecfrástico que o poeta leva a cabo tem um poder redentor. Aquela cabecinha romana deixa de ser apenas uma bela escultura, um objeto arqueológico de carácter artístico, para ser a cristalização da condição humana na sua vulnerabilidade e na sua eternidade – morte e ressurreição. Isso justifica os versos finais do poema: “Esta / cabeça evanescente resistiu: / nem deusa nem mulher, apenas ciência / de que nada nos livra de nós mesmos.” E assim o poema de Sena se apresenta como meditação filosófica em torno da condição humana na sua con-fusão com uma transcendência que afinal se mostra imanência.

Dessorada da sua condição histórica a “Cabecinha romana de Milreu” tem uma “virtude sonhadora” idêntica à poesia do seu autor.

* Professora Emérita da Universidade do Porto, Investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Vice-Presidente da Fundação de Serralves.